

APROXIMAÇÃO À IDENTIFICAÇÃO/COMPREENSÃO DO GALEGO E DO PORTUGUÊS MINHOTO EM MINAS GERAIS

APPROXIMATION TO THE IDENTIFICATION/UNDERSTANDING OF GALICIAN AND MINHO PORTUGUESE IN MINAS GERAIS

Guillermo Vidal Fonseca

Doutor em Linguística pela Universidade de Santiago de Compostela (Santiago de Compostela/Espanha).

Professor na Universidad de Extremadura (Cáceres/Espanha)

E-mail: gvidalfonseca@unex.es

Recebido em: 15 de outubro de 2025

Aprovado em: 10 de dezembro de 2025

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 23 | n. 1 | p. 322-349 | jan./jun. 2026

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.4409>

RESUMO

Nos últimos anos têm crescido os estudos que, sob diferentes óticas, analisam ligações e continuidades linguísticas entre a Galiza e o Brasil; porém, diferentes fenômenos históricos e presentes causam um desconhecimento popular ou falta de familiaridade do povo brasileiro com algumas variedades linguísticas do tronco galego-português. Tendo isso em conta, e com foco em Minas Gerais, o presente trabalho visa estudar a capacidade de identificação e o nível de compreensão que mineiras/os têm de variedades orais do galego popular, do galego padrão e do português minhoto –o mais próximo do galego–. Para tal, 152 informantes oriundos do estado, escolhidos respeitando distintos parâmetros de diversidade social, escutaram diferentes áudios das variedades mencionadas, ofereceram respostas para identificá-los e expressaram em escala de 0 a 100 nível de entendimento delas. Os resultados demonstram que galego popular e português minhoto apresentam valores similares de identificação –essencialmente, como português–, enquanto galego padrão tende a ser mais identificado como espanhol e apresenta melhor nível de compreensão que as outras variedades. Com base nos resultados, discutem-se algumas conclusões do ponto de vista sociolinguístico.

Palavras-chave: Galego popular. Galego padrão. Português minhoto. Identificação. Compreensão.

ABSTRACT

In recent years, studies analyzing linguistic connections and continuities between Galicia and Brazil from various perspectives have increased. However, various historical and current phenomena have led to a lack of knowledge or familiarity among the Brazilian population with some linguistic varieties of the Galician-Portuguese branch. Considering this, and focusing on Minas Gerais, this research aims to study the identification and level of understanding of spoken varieties of Popular Galician, Standard Galician, and Minho Portuguese – the closest to Galician – by Minas Gerais residents. To this end, 152 informants from the state, selected according to different parameters of social diversity, listened to different audio recordings of the aforementioned varieties, provided answers to identify them, and expressed their level of understanding on a scale of 0 to 100. The results demonstrate that Popular Galician and Minho Portuguese present similar identification values – essentially, as Portuguese – while Standard Galician tends to be more identified with Spanish and has a better level of comprehension than the other varieties. Based on the results, some conclusions are discussed from a sociolinguistic perspective.

Keywords: Popular Galician. Standard Galician. Minho Portuguese. Identification. Understanding.

1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A filiação linguístico-genética galego > português europeu > português brasileiro (BAGNO, 2011), somada ao relacionamento social derivado do fenômeno migratório galego ao Brasil nos séculos XIX e XX (Sarmiento, 2013) vem motivando, nos últimos anos, um crescimento dos estudos que abordam as ligações e continuidades linguísticas e culturais entre a Galiza e o Brasil no campo acadêmico. Para além do vínculo linguístico-histórico formulado por Bagno (2011) ou Faraco (2016), algumas contribuições podem ser assinaladas na área da pesquisa linguística, como o monográfico da *LaborHistórico*, revista do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 2017 (v. 3, nº 2, *Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança*), dedicado a diversos estudos sobre o galego e o vínculo com o português brasileiro. Nele se destacam trabalhos comparativos ou holísticos sobre sociolinguística (Lagares; Monteagudo, 2017, P. 12-27; Souza, 2017, p. 46-57), léxico (Condé, 2017, p. 97-107) ou sintaxe (Cunha Vieira, 2017, p. 71-96). Além desse monográfico, outros/as autores/as têm pesquisado comparativamente sobre galego e português brasileiro em áreas como a morfossintaxe (Oliveira, 2021), a onomástica (Vidal Fonseca, 2019; Bernal Rico, 2021) e, inclusive fora da linguística, em itens concretos da antropologia cultural (Faleiros; Neiva, 2023) ou literários (Gaspar Jorge, 2021). Sem esquecer, aliás, distintas iniciativas de pesquisa e divulgação, com o tandem Galiza-Brasil no eixo, de parte de grupos e institutos de pesquisa universitários galegos em língua e literatura, nomeadamente o grupo interuniversitário GALABRA ou o Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, bem como o labor dos núcleos de estudos galegos nas universidades brasileiras, presentes atualmente na UERJ, UFF, UFBA e USP.

De outra parte e em paralelo, o campo da pesquisa dedicado à análise do fenômeno migratório galego ao Brasil coincide em assinalar vários fatores: 1) os pontos de destino e radicação mais relevantes foram São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Salvador, 2) o fenômeno vigorou desde os últimos anos do século XIX até as décadas de 50-60 do século XX e 3) os migrantes galegos no Brasil, diferentemente dos radicados em países latino-americanos de fala hispânica, não criaram *comunidade galega* ou ela foi fraca comparando-se com a desses países; por outras palavras, ou se aclimataram à cultura e língua brasileiras e no transitar geracional perderam o vínculo cultural, ou se integraram nas comunidades espanholas ficando diluído o elemento cultural e identitário galego (Corbacho Quintela, 2009; Sarmiento, 2013; Guerra, 2020; Soutelo Vázquez, 2014). Em decorrência desses fatores, particularmente do primeiro e do terceiro, a migração galega para o estado de Minas Gerais, um dos estados mais prósperos da união mas situado no interior e com traços históricos e migratórios diferentes, foi bem mais limitada e difícil de quantificar, não só por esses traços e pela própria natureza da emigração galega, mas também porque os migrantes aportavam

em cidades litorais –e, caso de terem-se espalhado fora das cidades habituais, é mais difícil pesquisar o seu rastro– e também porque os dados oficiais só quantificam espanhóis, dentre os quais nem sempre é fácil precisar com exatidão os galegos (Corbacho Quintela, 2009; Sarmiento, 2013). Em fins do século XX a colônia espanhola em Minas Gerais era quantificada em “umas 2.000 pessoas” (Bourman *apud* Corbacho Quintela, 2009, p. 268), das quais a maior parte seriam galegas. Se bem que o dado é de várias décadas após o fim da época dourada da migração galega ao Brasil, é insignificante para um estado de mais de 20 milhões de habitantes e quase 600.000 km² (IBGE, 2023), mais ainda se é comparado com o número de galegos em outras urbes como Rio de Janeiro (cf. Sarmiento, 2006).

Essa presença limitada de migrantes galegas e galegos em Minas Gerais, somada à invisibilidade da *galeguidade* (idioma, cultura) da comunidade migrante galega –ora por aclimação à cultura brasileira, ora por diluição no “espanholismo” (Corbacho Quintela, 2009, p. 64)–, unida ao apagamento educativo, bibliográfico ou midiático no Brasil da origem do português no galego histórico (Bagno, 2011), implicou um atual desconhecimento geral do galego –como gentílico ou como variedade linguística– e da Galiza em Minas Gerais para além dos círculos acadêmicos mais acima mencionados. Um desconhecimento facilmente palpável nas ruas do estado: a palavra *galego* é conhecida fundamentalmente, como em maior ou menor medida no resto do país, para designar pessoas loiras, de pele e olhos claros, ou pessoas estrangeiras, nomeadamente portuguesas (cf. Barros *et al.*, 2018; Vidal Fonseca *et al.* (2023)¹, ademais de se constituir como elemento lexical onomástico (junto com *Galícia*) que designa bairros em cidades (caso do distrito Galego, em Barbacena), fazendas rurais, apelidos de pessoas ou nomes de lojas comerciais e empresas e cujas origens, dependendo do caso, remeterão para circunstâncias ligadas àqueles significados ou, como assinalado acima, terão explicação na limitada migração galega para o estado².

Entretanto, a antiga região portuguesa do Minho –hoje histórica–, localizada no norte do país e limitando com a Galiza, desempenha metaforicamente uma espécie de ponte histórica, cultural e linguística entre a Galiza e Minas Gerais. De um lado, faz parte da *Galiza histórica*, o reino pós-romano instaurado no noroeste ibérico durante a Idade Média europeia e de cuja unicidade linguística e cultural provém a língua portuguesa falada hoje, como assinalado pelos autores mencionados (Bagno, 2011; Faraco, 2016); Portugal como reino, antecedente do Estado moderno e conquistador do atual território

¹ O grau de conhecimento e uso da palavra pela população mineira, assim como o seu campo semântico, será analisado em um próximo estudo. Sobre a origem e explicação histórica dos significados indicados da palavra no Brasil teorizaram Sarmiento (2013, p. 233-235) ou Corbacho Quintela (2009, p. 224-231).

² É o caso da loja de presentes *Galícia*, em Juiz de Fora, cuja gerência, ao ser contactada, confirmou que o nome tinha origem na procedência do fundador da loja.

mineiro, surgiu nessa região após a separação política com o norte (Rodríguez, 2022). O noroeste de Portugal, além de partilhar traços linguísticos e culturais com a Galiza, sofreu processos históricos e migratórios similares, ao ponto de ambos povos terem migrado massivamente nos séculos XVII-XVIII pela mesma causa –o excedente populacional devido às melhoras da qualidade de vida e a proliferação do milho desde o continente americano– (Oliveira, 1999). Por fim, essa migração minhota terminou maioritariamente na atual Minas Gerais, sendo a maior parte dos colonizadores desse território na etapa da mineração procedentes da região mais setentrional de Portugal (Ramos, 2008), por sua vez migrando muitos galegos para o norte de Portugal paliando a queda demográfica decorrente da colonização de Minas pelos minhotos (Oliveira; López Bedoya, 2025). É por isso que existem tantos vestígios minhotos –e, tanto por motivos históricos quanto por proximidade e continuidade etno-linguística, galegos– na arquitetura mineira (Oliveira, 1999), familiares, religiosos (Ramos, 2008), culturais (Faleiros; Neiva, 2023) e linguísticos (Condé, 2017), ainda insuficientemente estudados. No entanto, apenas existem trabalhos que estudem o nível de reconhecimento e compreensão do português europeu pelos brasileiros, e menos especificamente o português minhoto, tão próximo do galego. Estudos que seriam desejáveis, visto que oficialmente ambos falam a mesma língua enquanto há inegáveis mostras no nível popular –e até culto– no Brasil de existirem dificuldades para pessoas brasileiras entenderem o português de Portugal em alguma das suas variedades ou registros, e que ficam muito bem ilustradas no encontro diplomático entre os presidentes das repúblicas brasileira e portuguesa em 2023, Lula da Silva e Rebelo de Sousa, em que o primeiro não consegue entender as perguntas de uma jornalista da imprensa portuguesa (Poder360, 2023)³.

A soma dos quatro fatores até agora expostos –a irmandade linguística entre galego, português minhoto e brasileiro; a presença histórica limitada de migrantes galegos em Minas Gerais e a colonização do estado principalmente por minhotos, confrontados com o escasso conhecimento popular nesse estado do Minho, da Galiza e do galego, em paralelo com a existência desse último vocábulo com outros usos– fazem necessário um estudo que aborde o grau de reconhecimento que mineiras e mineiros têm do galego oral aproveitando o apriorístico e paradoxal contraste que implica o desconhecimento ou pouca familiaridade do povo mineiro com essas variedades, agigantada no caso do galego pelo escasso impacto

³ Além da facilidade de perceber as referidas dificuldades na rua ou perguntando a própria opinião dos brasileiros sobre o português de Portugal, a Internet e as redes sociais contêm inúmeros exemplos. Ademais do presidente Lula, um deles, o *reel* do perfil Passageiro sem Noção (2025) de Instagram é muito ilustrativo, pois a pessoa portuguesa que não foi entendida pergunta-se “Como é que brasileiro não entende português?”. O fenômeno é reconhecido também por vozes da linguística brasileira, exemplificados por afirmações como “os portugueses têm mais facilidade de nos compreender quando falamos do que nós a eles” (Galindo, 2022, p. 41).

da migração galega no estado (tanto em cifras quanto em comportamento linguístico-cultural), e o fato de serem consideradas pelo campo da linguística, dependendo da perspectiva, variedades da mesma língua, no máximo, ou línguas irmãs, no mínimo⁴. Por outras palavras, o estudo visa também comprovar que grau de concordância existe entre o ditame acadêmico e o sentir popular mineiro tendo em conta a pouca ou nula exposição que mineiros tiveram ao galego falado devido à aclimação da escassa migração galega ao estado, um fenômeno que, decerto, não aconteceu em outros lugares do Brasil onde migrantes galegos foram muito mais numerosos e formaram comunidades mais homogêneas e perceptíveis para os habitantes locais, onde o traço galego teria mais peso entre a colônia espanhola (cf. Corbacho Quintela, 2009, p. 229-231).

Existe, aliás, uma percepção social estendida, documentada tanto nas capas populares de migrantes galegos em Minas Gerais (cf. Corbacho Quintela, 2009, p. 251-252) quanto no círculo acadêmico (cf. Bernal Rico, 2020, p. 79-80), de existirem similitudes entre Galiza e Minas Gerais e entre os povos galego e mineiro, por exemplo na “atitude e discurso. A desconfiança, a ambigüidade, a prudência, o jeito matuto e a ironia sorrateira, e as conseqüentes posições conservadoras” (Corbacho Quintela, 2009, p. 252), assim como em outras questões como a paisagem e a culinária. Mesmo sendo uma percepção social de “difícil amparo científico” (2009, p. 252), é mais um fator que motiva estudar como percebe o galego o povo mineiro, em uma aproximação que contribua para alicerçar os estudos culturais, linguísticos e históricos comparativos entre Galiza e esse estado brasileiro, como já vem acontecendo geralmente entre Galiza e Brasil, e que até agora fica fora do foco principal embora esteja documentada a presença migratória galega nesse estado, como explicado até aqui.

Do mesmo jeito, a ausência de estudos sobre a percepção do português europeu no Brasil cobra especial significância no território mineiro, colonizado principalmente por minhotos há três séculos e influenciando as falas do estado. Com este estudo, pretende-se também uma aproximação para a análise da capacidade de reconhecimento do português minhoto pela população mineira, uma variedade que, assim como no caso do galego, deve padecer falta de familiaridade ao ouvido dos mineiros, tendo em conta a sua posição subalterna em prestígio e formalidade ao padrão lisboeta, apesar de ser a principal variedade dos colonizadores que se assentaram no estado, logicamente com as diferenças evolutivas

⁴ Debate que continua vivo e vigorante na Galiza hoje, no campo do galeguismo e da academia, exemplificado pelas diferentes considerações sobre o galego entre *reintegracionistas* e *autonomistas*, e que alcança distintos posicionamentos sobre as normas ortográficas do código escrito do galego (para resumo da problemática, *vd.* Duarte Collazo, 2014). É por esse motivo que se prescindirá nesse estudo da análise de identificação/compreensão do galego escrito, vistas as diferentes possibilidades ortográficas que detêm em função da ideologia, além das dificuldades logísticas que implicaria e que serão explicadas mais à frente.

internas da língua com o passar de três séculos. Permitirá, aliás, avaliar a capacidade de compreensão de uma das variedades do português europeu por parte de população brasileira, no caso de um dos estados mais habitados, visando uma maior abordagem futura nesse tipo de estudos.

Portanto, o objetivo principal desse trabalho é quantificar o nível de entendimento e a capacidade de reconhecimento que mineiras e mineiros têm do galego oral –tanto na sua variedade popular quanto na padronizada para contextos formais– e do português minhoto oral, umas realidades linguísticas com as que, à luz dos fatos históricos já expostos, devem ter pouca ou nenhuma familiaridade apesar da proximidade linguística entre elas e o português falado em Minas Gerais. Secundariamente, e através do estudo de reconhecimento do português alto-minhoto, variedade muito próxima geográfica e linguisticamente do galego, almeja-se identificar o grau de diferenças identificativas e compreensivas a respeito do galego por parte de mineiras e mineiros. Decorrentemente, o trabalho pretende estabelecer uma primeira pedra nos estudos linguísticos e culturais comparativos Minas Gerais-Galiza e ainda extrair algumas conclusões sobre o modelo do galego oral habitualmente propugnado (cf. Regueira, 2013).

2 METODOLOGIA

O trabalho baseia-se em 152 entrevistas gravadas em formato de áudio e sujeitas a um termo de consentimento assinado pelas pessoas informantes, realizadas em três pontos diferentes do estado de Minas Gerais durante 2023-2024. Consistiram em pedir para a/o informante a audição de 2 fragmentos: um em português popular alto-minhoto e um segundo em alguma das variedades de galego indicadas: ora popular, ora padrão-normativo, de jeito que todas as pessoas entrevistadas escutassem primeiro um áudio em português e logo depois outro em galego, aleatoriamente, mas fazendo que a metade escutasse a variedade popular e a outra metade a padrão. Após a audição de cada fragmento, pedia-se para o entrevistado que declarasse o nível de entendimento, em escala de 0 a 100, que havia experimentado do fragmento, onde 0 seria não ter entendido nada e 100 entendimento total, e finalmente pedia-se identificação idiomática do fragmento escutado, se possível.

Para impedir que o estudo chegasse em resultados tendenciosos e evitar o viés, alguns critérios foram adotados para a seleção dos áudios, o mais básico deles sendo o de não comparecimento nos áudios de nomes e sobrenomes pessoais, apelidos, nomes de lugares, de sociedades ou qualquer dado relevante –histórico ou atual– que permitissem ao informante identificar a variedade linguística dos áudios ou a

sua procedência através deles e não apenas através do reconhecimento auditivo⁵. Além disso, deu-se prioridade, naturalmente, para o critério de representatividade, além de aspetos importantes como a clareza auditiva e os direitos de reprodução. Procurou-se então que fossem representativos dos idiomas ou variedades linguísticas que se pretendiam confrontar e serem identificados pelos informantes: no caso do português minhoto, o fragmento utilizado foi o vídeo da plataforma YouTube *Castro Laboreiro - Portelinha - Memórias com Lobos...*, de 3:17 minutos de duração, onde uma senhora local relata a experiência de ter visto o lobo. O português alto-minhoto falado no vídeo cumpre fundamentalmente os traços descritos por Silva *et al.* (2017, p. 1-15) para essa variedade do português, e para evitar uma excessiva dilatação no tempo emprestado pelo informante e tendo em conta que logo lhe seria exibido outro fragmento, utilizou-se aproximadamente o primeiro minuto do vídeo, com suficiente nitidez para ser ouvido.

Já no caso do galego, precisaram-se dois áudios, um que fosse representativo de alguma variedade popular e outro representativo da variedade padrão; para o primeiro, optou-se pelo Áudio 16 do Arquivo do Galego Oral do Instituto da Lingua Galega (AGO, 2010), de acesso livre no site desse instituto universitário de pesquisa. O áudio, de 2:07 minutos de duração no que a informante relata parte da sua infância, casa com os traços fonológicos descritos por Regueira (2013) para o galego, e faz parte da fala galega do bloco ocidental, área fisterrã e subárea a caminho entre a do Xallas e a do Tambre (Fernández Rei, 1990), na freguesia de Fiopáns, uma das situadas mais a sudeste no município de A Baña⁶. Para evitar também um excessivo gasto de tempo e para que representasse o mesmo tempo que o primeiro áudio, a fim de evitar viés, foi exibido para entrevistados aproximadamente o último minuto do fragmento, que apresenta uma nitidez e qualidade suficientes. Finalmente, para o segundo áudio, que só seria exibido na metade das entrevistas –precisamente em todas em que não fosse exibido o primeiro–, selecionou-se uma alocução

⁵ Contudo, dois nomes de lugares aparecem em dois dos áudios selecionados, um em cada um deles (A Ponte e Ourense, o primeiro deles topônimo menor). Porém, julgou-se que a grande distância geográfica e socioeducativa do povo mineiro com a Galiza impediria o reconhecimento deles e não teria impacto nos resultados, como depois foi confirmado nos resultados.

⁶ O fragmento é de 1995 e cumpre com os traços fonológicos próprios do galego (Regueira, 2013) assim como o da fala galega indicada (*gheada*, *seseo*, aspiração de *s* pós-nuclear, entre outros) e representa uma variedade de galego popular ainda vivo, embora em regressão (Dopazo Entenza, 2022, p. 225-240). A escolha desse galego e não o de qualquer outra fala dialetal foi até certo ponto arbitrária –não seria operativo realizar entrevistas exibindo todos *os galegos*–, mas certos critérios relevantes foram tomados em conta: a qualidade do áudio era muito importante, pois pessoas brasileiras, em hipótese, não têm familiaridade com galego; os áudios do AGO (2010) nem sempre têm a qualidade e a nitidez suficientes para evitar problemas de entendimento e compreensão que, no caso aqui, causariam um viés grave nos resultados, pois é diferente não entender uma variedade linguística a não conseguir escuta-la com suficiente clareza. Aliás, que um fragmento tivesse *seseo* (traço compartilhado com o português) e apresentasse uma quantidade reduzida de castelhanismos lexicais e morfossintáticos (traço representativo do galego tradicional face a variedades mais urbanizadas, e que foi base para a construção da variedade padrão) foram também fatores importantes que terão repercussão nos resultados e conclusões do estudo.

de um ator galego, Monti Castiñeiras, na rede social Facebook. No áudio, de 51 segundos de duração – intitulado *Monti Castiñeiras (actor)* e pendurado com caráter público e acesso livre no perfil *NON ao peche da UPO*–, o artista faz uma declaração em apoio de um centro cultural e em contra do seu encerramento pelo governo municipal de uma cidade galega usando uma variedade oral reflexo do padrão oficial do galego escrito. A sua fala cumpre com os critérios discutidos por Regueira (2005) para uma proposta de padrão galego oral, pois, em resumo, respeita as escolhas lexicais e normas morfossintáticas da variedade padrão escrita e os traços gerais fonético-fonológicos do galego popular⁷.

3 AMOSTRA

Do ponto de vista diatópico, o trabalho é encarado como uma aproximação, pois por limitações da própria pesquisa foram apenas tomados três pontos do vasto território mineiro, dois urbanos e um rural⁸. Assim, foram realizadas 50 entrevistas na capital mineira, Belo Horizonte (2.315.560 habitantes, IBGE, 2023), e outras 51 em Juiz de Fora (540.756 habitantes, IBGE, 2023), cidade de referência do sudeste mineiro e da região geográfica intermediária homônima. As outras 51 correspondem a uma área rural, no caso o município de Santa Rita de Ibitipoca (3.301 habitantes, IBGE, 2023), situado na região intermediária de Barbacena⁹.

Tomando emprestado da dialetologia o conteúdo da *geolinguística pluridimensional* (Thun, 2000, p. 367-388), procurou-se dotar a amostra da diversidade social suficiente para que os resultados do

⁷ Dentre outros traços fonológicos patrimoniais do galego utilizados, destacam aqueles que marcam mais diferenças para com o castelhano (existência de sete vogais tônicas, da consonante nasal velar sonora, prosódia e entoação autóctones, etc.), mas também destaca a depuração de fenômenos fonéticos considerados populares e estigmatizados e, portanto, considerados não “puristas”, nomeadamente *gheada* e *seseo* (Regueira, 2005, p. 87). O áudio cumpre todos esses traços, o que motivou a sua escolha como representativo da variedade culta próxima ao padrão escrito que pretende funcionar como modelo de padrão oral. O modelo de galego usado atualmente na Galiza na mídia e institucionalmente poucas vezes detém esses traços, habitualmente apresentando sérias carências na parte fonológica que o diferencia do castelhano (Regueira, 2005; 2013) mas coincidindo sistematicamente com a depuração de fenômenos estigmatizados ou dialetais, o que não deixa de ser outro jeito de aproximação para o castelhano, em que não existem ou estão também estigmatizados.

⁸ A delimitação precisa do que implicam *urbano* e *rural* no meio físico e a demografia brasileiras não é exato e existem diferentes visões a respeito. Para esse estudo, tomaram-se como fatores fundamentais vários dos clássicos formulados pela geografia: volume e densidade populacionais, atividades econômicas e, em geral, a classificação outorgada pelo IBGE (2017, p. 62) aos três pontos desse trabalho utilizando um cruzamento de variáveis.

⁹ Para preservar a privacidade das pessoas informantes, cada entrevista foi codificada usando as iniciais do local onde foi coletada (ora SR, ora BH, ora JF), seguidas por uma cifra que determina o número de entrevista realizada nesse local. Exemplo: BH10 faz referência para o fato de a entrevista ser a nº 10 realizada em Belo Horizonte. Doravante, referências explícitas para declarações de informantes serão referenciadas através desses códigos.

estudo fossem representativos do estado de Minas Gerais. Portanto, três variáveis sociais relevantes foram incluídas em prol da diversidade da amostra: o hábitat ou lugar de residência, o sexo e a idade. Quanto ao hábitat, tomou-se em consideração que, segundo o IBGE (2023), a maioria da população de Minas Gerais mora em cidades (88,2%) e só 11,8% em áreas rurais. Isso sugeria evitar focar a seleção de informantes conforme o modelo de protótipo "NORM (*nonmobile, older, ruralmale*)" (Chambers; Trudgill *apud* Paim, 2019, p. 341) e procurar uma amostra mista em que houvesse maior representatividade de pessoas oriundas e moradoras de cidades do que habitantes de áreas rurais. Para aproximar-se desse alvo, o estudo coletou informantes em duas cidades e só em uma área rural, representando essa pois, aproximadamente 33% da amostra pelo 66% das áreas urbanas¹⁰. Quanto ao sexo, IBGE (2023) informa que a população mineira tem uma distribuição de mulheres levemente superior à de homens (51,2% por 48,8%) e, portanto, a fim de evitar um possível viés de resultados por motivo de sexo, o estudo procurou também uma distribuição de informantes similar, em que a amostra tivesse um número de mulheres ligeiramente superior ao de homens, totalizando assim 89 mulheres (58,5% das pessoas entrevistadas) por 63 homens (41,4%). Finalmente, no relativo à idade, as previsões do IBGE (2023b) para o ano 2023 –em que foram realizadas a maior parte das entrevistas– davam para o estado de Minas Gerais uma idade média da população de 37,1 anos e a idade mediana da população –quer dizer, aquela em que a metade da população tem menos e a outra metade tem mais– em 36,7 anos. O presente estudo, visando que a amostra fosse representativa do estado, entrevistou informantes de todas as idades adultas (18 anos a informante mais jovem e 97 a mais velha) cuja idade média total foi de 45 anos e a idade mediana de 43. Essas cifras ficam levemente por cima das do estado (7,9 anos na média e 6,3 na mediana) mas guardam coerência interna entre os três locais escolhidos, com médias de idade de 45,7, 45 e 44,7 e medianas de idade de 45, 41 e 43 anos nas amostras de Belo Horizonte, Santa Rita de Ibitipoca e Juiz de Fora respectivamente.

Se bem que em outras variáveis sociais não se aplicou o mesmo nível de meticulosidade na distribuição das e dos informantes quanto no hábitat, o sexo e a idade, procurou-se a diversidade como norma

¹⁰ Na prática, contar só rigidamente com informantes *puros* –oriundos do lugar, for urbano ou rural, e que apenas tivessem morado algum tempo fora dele– foi tarefa quase impossível. Para o fato de ser a capital Belo Horizonte um centro migratório de pessoas provenientes do interior do estado e que dificulta muitas vezes encontrar pessoas que não tivessem nascido ou morado um tempo no interior antes de se deslocarem para a cidade, deve-se adicionar ainda o fenômeno inverso: a frequência com a que habitantes da área rural selecionada saíram em algum período para a cidade em procura de emprego ou para estudar; devido à sua localização no sudeste do estado, principalmente para São Paulo ou Rio de Janeiro no caso do emprego e para Barbacena ou Juiz de Fora no caso dos estudos. Em vista disso, procurou-se sempre a máxima idoneidade do informante quanto ao seu local de nascimento e período de vida morando nele, mas sempre com a flexibilidade devida aos condicionantes explicados.

espelhando o máximo possível a sociedade mineira, almejando com isso que os resultados obtidos através da amostra sejam reflexo dessa sociedade. Por isso, quanto ao grau de escolaridade, participaram desde informantes analfabetas¹¹ até pós-graduados universitários; quanto à profissão, desde empregados sem qualificação até profissionais com formação específica; e, por último, não houve qualquer limitação ou impedimento à diversidade da amostra no referido a grupos étnicos, classe social e outras variáveis de diversidade social.

4 RESULTADOS

Um dos primeiros resultados do estudo a ser salientado é o desconhecimento geral linguístico do galego pelo povo mineiro, quer entendendo-se como variedade da lusofonia, quer como língua autônoma, sendo que, na totalidade de 152 áudios de galego –ora padrão, ora popular– para identificação, não foi declarado como *galego* nenhuma vez. Mesmo assim, a disparidade de respostas foi grande para cada uma das três variedades perguntadas –pois as perguntas de identificação eram de resposta livre–, o que motivou a necessidade de agrupar as respostas em blocos que permitissem um estudo útil.

O primeiro grande grupo de respostas é agrupado com o nome de *Português* em sentido amplo. Para essa categoria rumaram-se respostas em que o informante categoriza determinado áudio com essa língua em alguma das suas variedades ou com regiões/territórios onde é falado. Logo, respostas muito gerais como *português*, outras bem mais específicas como *português da Angola*, outras identificando algum dos seus dialetos como *sulista* ou *nordestino*, e ainda outras mais vagas ou imprecisas como *sotaque de alguma região do Brasil* foram incluídas nessa categoria lexical e semântica genérica.

Outro elenco variado de respostas foi coletivizado sob o referente genérico de *Espanhol*. Do mesmo jeito que no caso anterior, muitas das respostas dadas para a identificação dos áudios faziam referência para esse domínio linguístico de jeito mais ou menos concreto com etiquetas em que o hiperônimo se apresenta através de diversas formas –como *espanhol, castelhano, espanhol ou castelhano (sic)*¹²– e de jeito às vezes mais indireto através de gentílicos de lugares onde essa língua é maioritária e hegemônica na população –*boliviano, da Venezuela, etc.*–. De qualquer forma, as respostas dessa série e as de *Português*

¹¹ Esse em particular foi outro dos motivos logísticos que reforçaram a decisão antes explicada de centrar a análise do reconhecimento do galego e do português minhoto em Minas no plano oral e prescindir do escrito.

¹² Vários/as informantes deram essa resposta literal com valor excludente –“espanhol ou castelhano, uma das duas” (BH24)–, aparentemente demonstrando terem uma visão dos dois termos como designativos de variedades linguísticas diferentes.

opõem-se inequivocamente entre si: nos dois casos as respostas das e dos informantes não albergam qualquer referência que pudesse ser interpretada como referente ao oposto.

Em alguns casos e com independência dos áudios, a tendência da/do informante foi precisamente a de achar alguma das amostras como algo não excludente entre português e espanhol em sentido amplo. Para esses casos de identificação como hibridez entre as duas, ou entre uma delas e uma outra variedade externa –ora identificada, ora indeterminada pelo informante–, estabeleceu-se a categoria *Mistura PT-ES*, reunindo respostas como *portunhol*, *mistura de português com espanhol* (ou vice-versa) ou *mistura de português* (ou espanhol) *com alguma coisa*. Excluíram-se dessa categoria, no entanto, respostas onde a mistura seria de falas de uma mesma língua, como “português misturado aqui do Brasil mesmo” (JF14), em que passam a integrar-se no grupo de respostas da língua concreta, no caso referido o *Português*; com o mesmo padrão integraram alguma das duas primeiras categorias e não *Mistura PT-ES* respostas onde a língua é identificada sem dúvidas mas o informante refere um sotaque ou uma procedência estrangeiros, por exemplo “português com sotaque espanhol” (BH11) ou “português, mas a pessoa é espanhola. Espanhola tentando falar em português” (BH39).

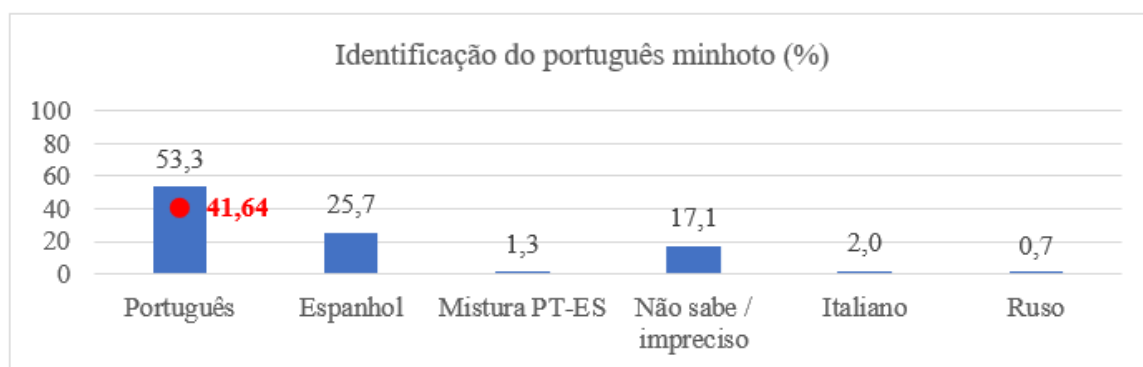
Para além de respostas marginais, uma outra relevante categoria de respostas, *Não sabe/impreciso/duvida*, foi criada para englobar todas aquelas em que o informante desconhece ou duvida e não consegue oferecer uma resposta clara para identificar o que ouve. A esse campo foram direcionadas respostas diretas bem frequentes como *não sei* e outras mais imprecisas ou duvidosas do tipo *(ou) x ou y, parece x mas não tenho certeza, uma língua estrangeira mas não sei qual, algum derivado do latim* e até respostas mais infrequentes como “imitação de alguém do Paraguai” (SR50). Só três línguas além das citadas, e marginalmente, foram resposta a algum dos áudios: russo, inglês e, sobretudo, italiano, que aparece como resposta em vários locais.

Já no que tem a ver com o nível de entendimento declarado das variedades escutadas, em que se pedia capacidade de compreensão de 0 a 100, sendo que 0 seria não ter compreendido nada e 100 ter compreendido à perfeição, as respostas foram muito dispares, às vezes não conseguindo a/o informante expressar uma cifra e quantificando através de frases adverbiais ou adjetivas o nível de compreensão que atingiram: *muito bem, um pouco, quase nada*, etc. Por motivos estatísticos, só aquelas respostas com declaração de alguma cifra –a imensa maioria– foram consideradas para análise dos resultados.

4.1 RESULTADOS GERAIS

4.1.1 PORTUGUÊS MINHOTO

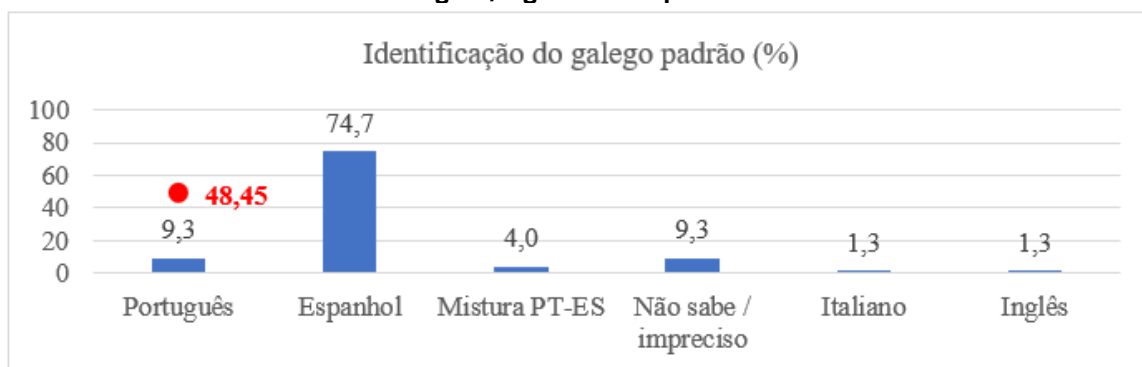
Gráfico 1 – Idioma declarado pelo total de informantes após escutarem um áudio de português minhoto. Em vermelho e negrito, o grau de compreensão declarado



Aproximadamente a metade dos 152 entrevistados (81) afirmou ser português em sentido amplo a língua que escutaram após ouvirem o áudio de português minhoto, e um quarto afirmou ser espanhol ou uma das suas variedades. Dentre os que declararam ser português, a maioria concretiza que a variedade é de Portugal (70%), enquanto 6,17% relacionaram com o sul do Brasil (nomeadamente o gaúcho) e o resto distribui-se entre quem não conseguiu concretizar –por exemplo, BH07, que duvidou entre *brasileiro caipira* e português de Portugal– e, minimamente, quem apontou para o Nordeste do Brasil ou para falas ou misturas de falas da língua portuguesa. Mais da sexta parte de questionados (17,1%) não soube identificar o idioma com certeza ou apresentou dúvidas entre línguas ou variedades sem poder optar definitivamente por uma resposta concisa. Apesar de ser em porcentagem desprezível (2%), vários informantes em dois locais, um urbano e outro rural, acharam que a língua era o italiano e, contrariamente, uma porcentagem ainda menor atribuiu o áudio a uma mistura de português com espanhol ou com outra língua. A escala média de compreensão declarada, de 0 a 100, ficou ligeiramente por baixo do termo meio (41,64), se bem que a quantidade de pessoas que afirmaram tanto não entender nada quanto ter entendido tudo foi insignificante.

4.1.2 GALEGO PADRÃO

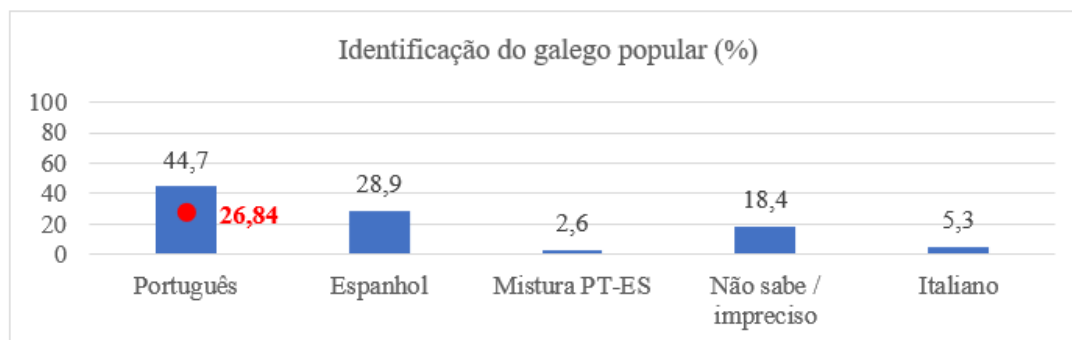
Gráfico 2 – Idioma declarado pelo total de informantes após escutarem um áudio de galego padrão. Em vermelho e negrito, o grau de compreensão declarado



Quase três a cada quatro pessoas identificaram o trecho de galego padrão como espanhol, um percentual três vezes maior que o dos que haviam identificado o português minhoto como tal. Alguns informantes concretizaram esse suposto espanhol como de algum dos países vizinhos do Brasil: “da Bolívia” (JF17), “argentino-espanhol” (SR01), “da Venezuela” (SR21), “castelhano da região de Uruguai, Argentina...” (BH19), etc. É de destacar, aliás, a tentativa de explicação que alguns ofereceram por iniciativa própria para justificar a catalogação do áudio como espanhol. Um deles, provavelmente por um viés de confirmação, afirma o idioma ser espanhol “por algumas palavras [da audição]: *mejor* [/me ‘hɔɾ/] em vez de *melhor* [/me ‘λɔɾ/]” (BH18), quando é evidente que o ator do áudio, Monti Castiñeiras, pronunciou /me ‘λɔɾ/, usando a consoante lateral palatal e não a fricativa velar/faríngea característica do espanhol nesse contexto; outro, afirma que é “espanhol abasileirado; senão eu não entenderia” (BH15). Esse comentário guarda ligação com outro 4% de informantes, como indica o gráfico 2, que disseram tratar-se de uma mistura de português ou *brasileiro* com outra língua e que supera a quantidade de pessoas que acharam o português minhoto como hibridação. Algo menos de 10% de informantes desconhece com exatidão que variedade linguística era, cifra menor que no caso do português minhoto, e outro quase 10% cataloga como português. Desses últimos, quase a metade concretiza como de Portugal, e quase um terço precisa que é português com sotaque espanhol, dividindo-se perto de 20% restante entre os que afirmam ser português com sotaque estrangeiro e os que não conseguiram precisar mais. O grau de entendimento autopercebido de 0 a 100 ficou em 48,45: quer dizer, foi compreendido ligeiramente melhor que o português minhoto.

4.1.3 GALEGO POPULAR

Gráfico 3 – Idioma declarado pelo total de informantes após escutarem um áudio de galego popular. Em vermelho e negrito, o grau de compreensão declarado



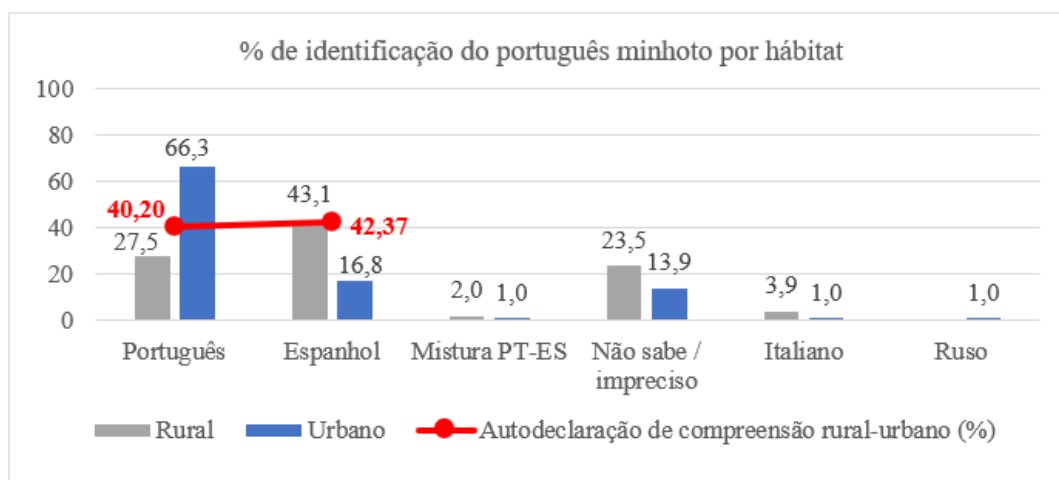
O Gráfico 3 apresenta uns dados muito similares ao Gráfico 1, que media a capacidade de identificação do português minhoto: a porcentagem de informantes que não consegue identificar o fragmento (18,4%), bem como os que o identificaram como uma mistura de português e espanhol (2,6%) ou como espanhol (28,9%), são quase idênticas ou muito próximas às porcentagens correspondentes no gráfico do português minhoto. A resposta mais habitual para identificar o áudio foi, também, o *Português* em sentido amplo, em uma porcentagem, porém, quase 9 pontos inferior (44,7%) à que tinham declarado para o português minhoto. Deles, a maioria (58,8%) especificou como português de Portugal, manifestando 8,8% ser português da Angola e 5,8% ser português do sul do Brasil, nomeadamente gaúcho. Fora da estatística, convém ainda resgatar alguns comentários que acompanharam as afirmações: JF40 afirmou o áudio de galego popular ser “português de Portugal, meio brasileiro”; outro informante matiza e assevera, após identificar como português de Portugal, “não sei de onde mas a língua é português” (BH49); outros, identificam também como português de Portugal, um deles adicionando “só que mais carregado [do que o áudio de português minhoto], mais cheio de sotaque, de pessoa mais regionalizada” (BH47) e outro “esse [es]tá mais português mesmo, que eles falam lá, bem puxado do sotaque de lá” (BH43). Por outra parte, o italiano recebeu mais de 5% de respostas identificativas, sendo a terceira língua, após português e espanhol, que mais declararam os informantes achar que correspondia o fragmento, para além dos que não conseguiram oferecer resposta. Destacam aqui, assim como nas respostas direcionadas para *Mistura PT-ES*, para *Espanhol*, e até para *Não sabe/impreciso* as reflexões de esclarecimento oferecidas por não poucos informantes que sustentaram na escuta no áudio da conjunção adversativa *pero* a ideia identificativa que os conduziu para a resposta que deram, em algum caso até para descartar que se tratasse de *Português*: “lembra português de Portugal, porém usou um *pero*, então não é de lá, imagino” (BH31);

“as palavras *pero, pero* me reafirma com certeza que era espanhol” (BH41); “[é um] dialeto do espanhol, porque tem a palavra *pero*, o português não tem essa palavra” (BH42); outro, que identifica o áudio como português angolano, afirma que “reconheço que é português pela sonoridade, apesar de ter uns *pero* no meio que não é português” (BH46); outro, que duvida e não consegue dar uma resposta concisa, afirma que deve ser “espanhol meio aportuguesado ou algum dialeto dentro da língua espanhola: ela fala *pero*” (BH50); JF45 identifica como *portunhol* por detetar algumas palavras em espanhol, e exemplifica também com *pero*. Por último, o grau médio de entendimento do áudio ficou em 26,84 sobre 100, o mais baixo comparando os níveis próximos outorgados para o português minhoto e o galego popular –41,64 e 48,45 respetivamente–.

4.2 RESULTADOS POR HÁBITAT

4.2.1 PORTUGUÊS MINHOTO

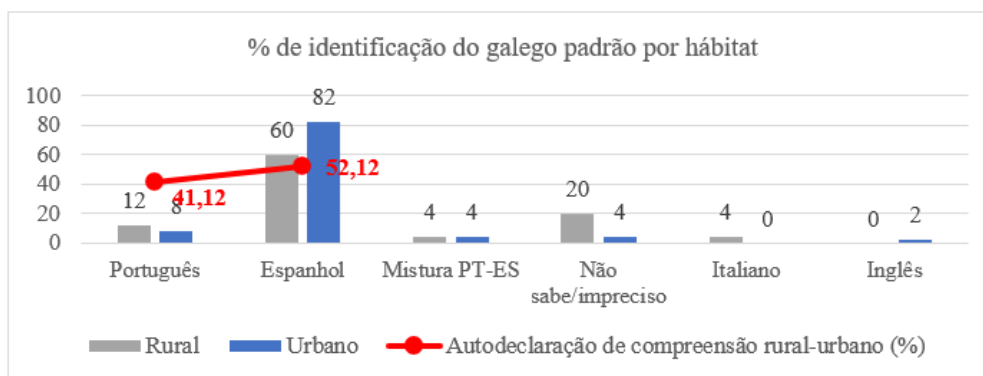
Gráfico 4 – Idioma declarado por informantes rurais e urbanos após escutarem um áudio de português minhoto



Evidenciam-se diferenças acusadas entre as áreas rural e urbana. Se em Santa Rita de Ibitipoca a maioria de entrevistados identifica o áudio de português minhoto como espanhol (43,1%, frente a 16,8% nas áreas urbanas), em Belo Horizonte e Juiz de Fora é interpretado maioritariamente como português (66,3%, frente a 27,5% na área rural). A porcentagem de atribuição a outras respostas diferentes de *Português* e *Espanhol* é, porém, mais igualada, com uma maior propensão no rural a desconhecer ou não identificar a língua do áudio –23,5% de informantes frente a 13,9% de urbanos–. Também igualada é a declaração de entendimento do fragmento, por volta dos 40 sobre 100, com apenas 2 pontos a mais em áreas urbanas.

4.2.2 GALEGO PADRÃO

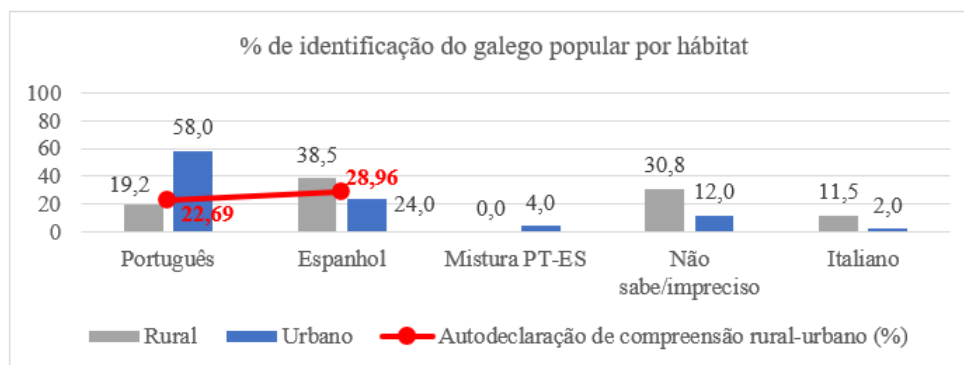
Gráfico 5 – Idioma declarado por informantes rurais e urbanos após escutarem um áudio de galego padrão



A principal diferença do rural para o urbano quanto à identificação do galego padrão é a maior certeza que apresentam informantes urbanos para classificá-lo como espanhol (82%, frente a 60% da área rural), enquanto duvidam ou são incapazes de identificá-lo muito menos que os informantes rurais (4% frente a 20%). A catalogação do fragmento como *Português* é quase análoga, ligeiramente superior na parte rural (12% frente a 8%), sendo idêntica a porcentagem de pessoas urbanas e rurais que achou o áudio uma mistura de português ou espanhol com a outra língua ou com outras variedades (4%). Observa-se, também, uma pequena tendência na área rural a identificá-la como italiano, inexistente na área urbana. Finalmente, e diferente do que acontece com o português minhoto, existe uma notável diferença no nível de compreensão atribuído à variedade, pois as áreas urbanas declararam uma média de compreensão de 52,12 sobre 100, exatamente 11 pontos a mais que a área rural.

4.2.3 GALEGO POPULAR

Gráfico 6 – Idioma declarado por informantes rurais e urbanos após escutarem um áudio de galego popular

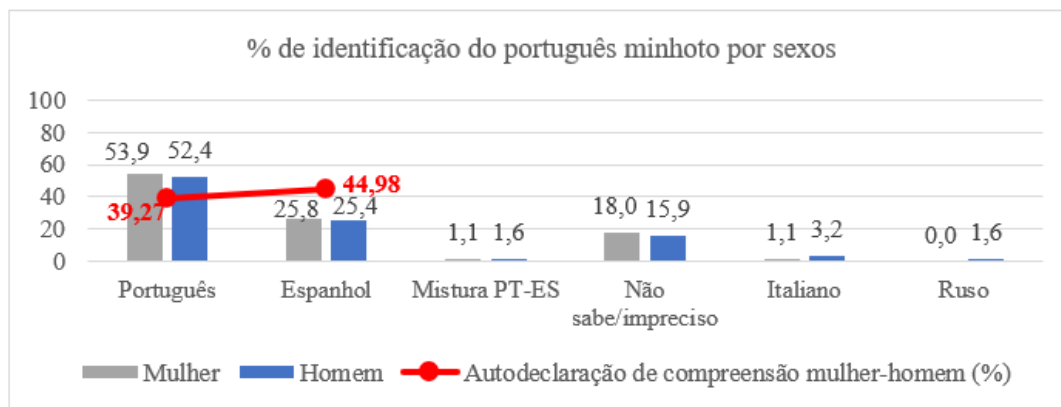


As diferenças de identificação do galego popular entre urbano e rural foram muito grandes. Mais uma vez, igual que nas outras variedades, a área rural caracterizou principalmente como espanhol o fragmento escutado: 38,5% de informantes, 14 pontos a mais que os que o fizeram nas cidades (24%). Foi nas áreas urbanas onde essa variedade do galego foi identificada maioritariamente como português (58%), com uma diferença de quase 40 pontos para os que fizeram o mesmo na área rural (19,2%). A população rural, igual que acontecia com português minhoto e galego padrão, tem uma tendência bastante maior que a urbana a: 1) não saber identificar a natureza do fragmento: 30,8% de entrevistados não ofereceram uma resposta precisa, porcentual que desce até 12% em áreas urbanas; e 2) identificar o áudio como italiano: nesse caso, chega até 11,5% dos entrevistados, mais de 9 pontos acima dos que o fizeram nas cidades. A população que achou o galego popular uma mistura de variedades foi muito baixa e só nas cidades (4%). Foram também as áreas urbanas as que exibiram para o fragmento o melhor índice de compreensão (28,96 sobre 100, por 22,69 na área rural), níveis ainda assim bem mais baixos que os das outras variedades, porém coerentes com os resultados gerais expostos em 4.1.

4.3 RESULTADOS POR SEXO

4.3.1 PORTUGUÊS MINHOTO

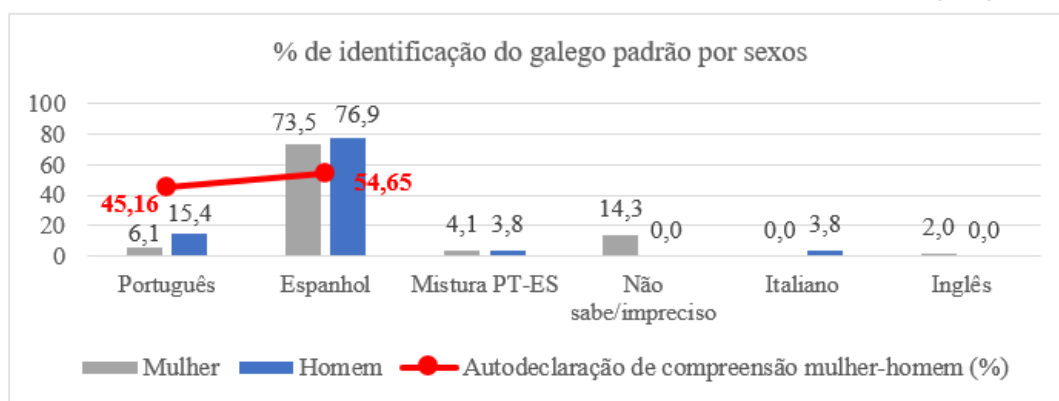
Gráfico 7 – Idioma declarado por mulheres e homens após escutarem um áudio de português minhoto



Não se observam diferenças de identificação notáveis de mulheres para homens para o português minhoto, com valores quase análogos em todas as respostas. As maiores diferenças correspondem a uma leve inclinação maior delas a não saberem ou serem incapazes de identificar o áudio e, sobretudo, a uma autodeclaração levemente menor para o nível de entendimento, que fica em 39,27 sobre 100 nelas por 44,98 neles.

4.3.2 GALEGO PADRÃO

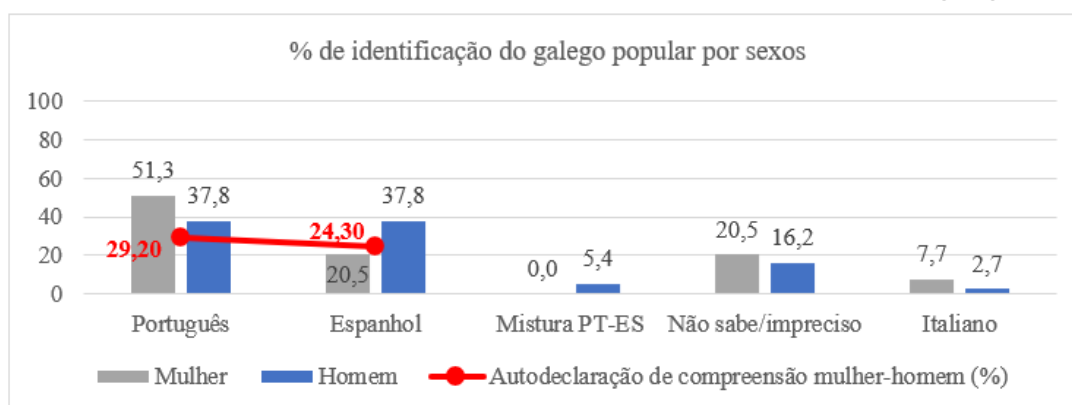
Gráfico 8 – Idioma declarado por mulheres e homens após escutarem um áudio de galego padrão



Para o galego padrão, o Gráfico 8 mostra pequenas diferenças por sexo quanto ao reconhecimento, mais do que no caso do português minhoto (Gráfico 7): é similar a porcentagem de homens e mulheres que declara que o áudio é espanhol, porcentagem também similar em respostas minoritárias. No entanto, todos os homens ofereceram resposta concisa para identificação, enquanto 14,3% de mulheres apresentou dúvidas ou foi incapaz de identificar. Em troca, uma maior quantidade de homens identificou o fragmento como português –mais de 9 pontos a mais que as mulheres, que só identificaram como tal em 6,1% dos casos. Mais uma vez, aliás, homens afirmaram compreender melhor o fragmento, dando uma compreensão média de 54,65 sobre 100, por só 45,16 nas mulheres –9 pontos a menos.

4.3.3 GALEGO POPULAR

Gráfico 9 – Idioma declarado por mulheres e homens após escutarem um áudio de galego popular



As maiores diferenças de identificação por sexos são exibidas por informantes no áudio de galego popular. São elas quem identificam principalmente como português, um pouco mais da metade das entrevistadas, enquanto as que identificam como espanhol são uma a cada cinco. Opostamente, os homens declaram o fragmento como português e como espanhol na mesma proporção (37,8% de entrevistados nos dois casos). Só os homens, mas em baixa proporção, acham a variedade uma hibridação (5,4%). Novamente o grupo feminino é mais propenso a desconhecer ou não conseguir dar uma resposta concisa (20,5% das entrevistadas, 4 pontos a mais que os homens), e são elas também as que mais optam pelo italiano como resposta, 7,7% com 5 pontos acima dos homens que dão essa resposta. O fragmento de galego popular é o único em que mulheres exibem maior resposta média de compreensão que homens: 29,2 sobre 100 por 24,3 dos homens, cifras sempre mais baixas que as mostradas para as outras variedades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu constatar com dados, primeiramente, a hipótese assinalada na introdução do estudo e que fazia referência para o evidente desconhecimento em Minas Gerais do galego como variedade linguística existente, o que em tese reforça os estudos históricos que apontam para o funcionamento da migração galega ao estado no século XX como o de uma comunidade linguisticamente “silenciada” (Guerra, 2020; Sarmiento, 2013): não há qualquer resposta com a etiqueta *galego* após a escuta de 304 áudios por 152 entrevistados.

Outra das hipóteses iniciais que foram expostas no começo foi a palpável, frequente e relativa dificuldade, no nível popular mineiro/brasileiro, para compreender português de Portugal. O estudo centrou-se só em uma variedade não prestigiada e em regressão dessa língua, a fala alto-minhota em uma falante com traços mais tradicionais, com diferenças notáveis para com o português europeu padronizado e veiculado na mídia, as redes ou o sistema educacional. Se para essa última variedade existiam indícios de brasileiros possuírem frequentemente dificuldade de compreensão, como exemplificado em redes sociais, o estudo com a variedade minhota confirmou a pouca familiaridade de mineiros com ela e os problemas identificativos mais ou menos relevantes considerando que, oficialmente, é a mesma língua que o povo mineiro fala: pouco mais da metade de entrevistados identificou a língua como português, quantidade que ainda desce caso considerar-se só aqueles que especificaram que era de Portugal; uma a cada quatro pessoas acharam que o fragmento era de espanhol, e o índice de inteligibilidade, aliás, ficou por volta de 40 sobre 100, dados que em soma permitem falar em pouca familiaridade entre a variedade linguística dos principais colonos históricos de Minas Gerais e os habitantes atuais do estado

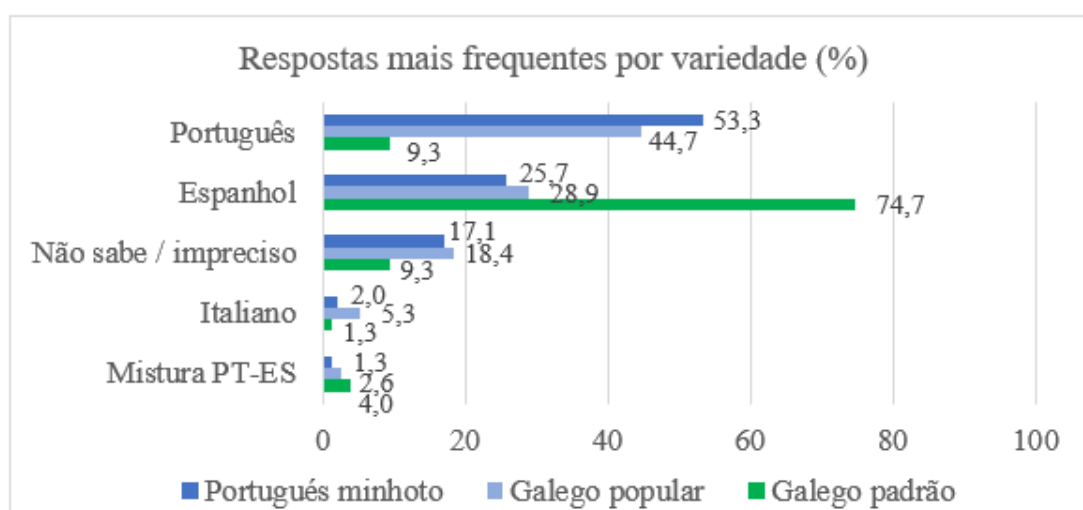
e, no mínimo, em certa dificuldade de compreensão. Um futuro estudo atitudinal sobre essa variedade poderia ajudar a mensurar o nível de prestígio implicado com ela e a relação com o índice de compreensão que informantes declararam.

O galego padrão, contrariamente, foi melhor compreendido pelos ouvintes que o português minhoto, fato que, em boa medida, deve ser atribuído às diferenças de pronúncia entre um falante comum e um profissional da dublagem, que era quem emitia o áudio de galego padrão. Porém, 3 a cada 4 pessoas identificaram-no, erroneamente, como espanhol, o que na prática equivale a concluir que mineiros/as compreendem melhor *espanhol* –com pronúncia clara profissional, isso sim– do que português minhoto coloquial. O fenômeno deve ser analisado conjuntamente com os resultados gerados pelo áudio de galego popular ocidental: existe bastante simetria identificativa, mas não de compreensão, entre o áudio de galego popular e o de português minhoto. A resposta mais frequente, também por volta de uma a cada duas, foi que era português, e a segunda mais frequente, em valor quase análogo, foi *espanhol*. Isso faz deduzir duas premissas: 1) a continuidade linguística tradicional a norte e sul do Minho (entre galego e português minhoto) é grande o suficiente como para mineiros, que não têm contato com as variedades, identificarem como a mesma língua e para sentirem, maioritária ou quase maioritariamente, que fazem parte da mesma língua que eles falam; e 2) a grande diferença de compreensão entre galego e português minhoto –percentual de 15 pontos sobre 100 entre as duas– pode ser explicada, além de por uma ainda menor exposição ao galego que criasse familiaridade nos mineiros, pela maior distância linguística entre galego e português mineiro em todos os planos (fonético e lexical, principalmente), o que reforça a ideia do português minhoto, e europeu em geral, como a meio termo entre as duas variedades.

O fato, pelo contrário, de o galego padrão ser massivamente identificado como espanhol e ser melhor compreendido que o português minhoto encerra várias conclusões. Resulta evidente, pela alta porcentagem atribuída a essa língua, que mineiras/os têm relativa familiaridade com espanhol, através de referências culturais educacionais ou midiáticas, o que não estranha sendo a língua hegemônica de quase todos os países vizinhos do Brasil, e tendo presença na escola e em produtos culturais de grande seguimento como séries, telenovelas ou músicas. Se, além da já mencionada qualidade da pronúncia, o nível autodeclarado de compreensão encerra também em alguma medida, indiretamente, um valor atitudinal, não estranha o fato de o galego padrão ter sido declarado melhor entendido do que as outras variedades, inclusive a do português minhoto, por quanto foi errônea e maioritariamente identificado como espanhol e essa língua detém um relevante nível de prestígio entre o povo brasileiro (cf. Loregian-Penkál; Carraro; Morais, 2024). Um posterior estudo de percepção sonora poderia determinar que traços fonético-fonológicos fazem 3 a cada 4 pessoas associar galego padrão com essa língua e 1 a cada 4

associar português minhoto e galego popular com essa língua. Parece evidente, no entanto, que certos traços compartilhados pelas três variedades analisadas, que se afastam das falas prestigiadas ou padrão do português e que coincidem em maior medida com traços típicos reconhecíveis do espanhol, tiveram algo a ver no fato: ausência de oposição *b/v* e de nasalidade vocálica, presença de consoante africada, soluções lexicais, etc. O fato de ser o galego padrão a variedade mais identificada como espanhol, e o português minhoto a menos, é indicio disso: é essa última, apesar dos traços expostos, a que tem mais proximidade com o português mineiro e o galego padrão a que menos.

Gráfico 13 – Porcentagem de respostas mais frequentes por variedades declaradas pelo total de informantes



Como manifesta o Gráfico 13, as respostas identificativas de mineiros/as para português minhoto e galego popular exibem comportamentos similares, enquanto respostas para o galego padrão se afastam e direcionam-se maioritariamente para espanhol. Nesse sentido, tendo em conta a filiação genética do galego aludida no início e à luz dos resultados do estudo, seria desejável uma reflexão sobre o modelo de língua padrão oral do galego que revisasse a depuração de fenômenos estigmatizados ou dialetais que acostumam aproximar o galego para o espanhol e afastá-lo do português –como a dispensa do uso do *seseo*–, ou a conservação normativa de castelhanismos históricos –como *pero*, presente até no áudio de galego popular¹³, enquanto outros similares foram há tempo depurados– e espelhar mais essa variedade em falas tradicionais do galego popular como a do áudio do presente estudo, que apresentou

¹³ Basta lembrar, a esse respeito, a quantidade de informantes que sustentaram a sua errônea identificação do áudio de galego popular como espanhol na presença da palavra *pero* (vd. 4.1.3).

valores identificativos muito próximos dos do português minhoto. Faz-se evidente também através do estudo, portanto, que à delicada situação sociolinguística do galego em queda de falantes há que adicionar ainda o achegamento constante da fala popular e culta ao espanhol, vista a explicada regressão atual do modelo de galego popular que apresenta o áudio escolhido.

Por outra parte, os resultados por grupos sociais oferecem outras conclusões destacáveis. Quanto ao hábitat, enquanto as respostas rurais apontam, indiferentemente para qualquer dos áudios, para o espanhol como resposta identificativa maioritária, ganhando das respostas para português em 16 pontos percentuais no áudio de português minhoto, em 19 pontos no áudio de galego popular e em 48 para o de galego padrão, as urbanas sustentam maioritariamente a identificação de português minhoto e de galego popular como falas portuguesas. Aliás, a área rural é a que sistematicamente menos identifica e oferece uma resposta clara para os áudios, enquanto as urbanas tendem muito menos à hesitação; relacionado com isso, também as áreas urbanas exibem para qualquer dos áudios uma declaração de compreensão maior que as da área rural. Esses dados parecem ter ligação com o menor nível de instrução/escolaridade registrado no rural do país (IBGE, 2023c, tabela 4.10), o que explicaria a maior dificuldade para responder, identificar acertadamente e compreender comparando com as áreas urbanas. Em parte, relacionado também com isso destaca a maior tendência rural a identificar algum dos áudios como italiano –11,5% das respostas para o galego popular e 4% para as outras variedades–, para o que deve influir a alta presença de habitantes com ascendência italiana em Santa Rita de Ibitipoca, como comprovado nos sobrenomes dos locais através do cartório e das lápides dos túmulos (cf. Rosa *et alii* 2016); o fenômeno, aliás, não é inédito, existindo também testemunhos informais de galego-falantes que foram confundidos linguisticamente com italianos em zonas hispano-falantes do centro e sul da península Ibérica.

Finalmente, no relativo ao sexo, as diferenças mais notáveis têm a ver, mais uma vez, com a maior tendência das mulheres, respeito dos homens, a não darem uma resposta clara ou não identificarem as variedades escutadas, assim como a declararem um índice de compreensão dos fragmentos menor que a declarada por homens –exceto para o galego popular–. Esses resultados concordam pelo geral com alguns fenômenos descritos pelos estudos de gênero, como o efeito por confiança diferencial por gênero, habitualmente menor em mulheres (Kay; Shipman, 2014), a síndrome do impostor ou a socialização de gênero, que, com origem na sociedade machista, conduzem para uma menor autoconfiança nas respostas e maior discrição e modéstia na exibição de conhecimento. Por outra parte, elas identificaram maioritariamente o galego popular como português, contrariamente a eles, que identificaram a partes iguais entre português e espanhol, o que poderia ser indício de terem percebido a variedade mais próxima

de si, de terem compreendido melhor –como evidencia o índice de compreensão– e, talvez, de terem abrigado valores atitudinais mais positivos para a variedade escutada do que os homens.

Resumidamente, e como encerramento, o estudo permitiu evidenciar a unicidade e proximidade linguísticas entre galego, português minhoto e a(s) variedade(s) de português que o povo mineiro fala, para além de certas dificuldades de compreensão que futuros estudos atitudinais poderão determinar em que medida estão relacionados com o prestígio e a atitude perante as variedades. Como já qualificado entre o povo português e as variedades linguísticas galegas, “não há falta de [...] conhecimento, mas — provavelmente — falta de exposição à língua” (Neves, 2021, p. 211), o que bem justifica continuar aprofundando os estudos linguísticos e culturais comparativos entre Minas Gerais e Galiza.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. O português não procede do latim. Uma proposta de classificação das línguas derivadas do galego. **Grial**, Vigo, v. 191, p. 34-39, 2011.

BARROS, F. *et al.* A alcunha *galego* no português de Santa Catarina: o que revelam os dados do ALERS. **Revista de Estudos da Linguagem**, BH, v. 26, nº 3, p. 1227–1276, 2018.

BERNAL RICO, D. **Apelidos da Galiza, de Portugal e do Brasil**. Chaves e segredos da nossa onomástica. Santiago de Compostela: Através Editora, 2021. 230 p.

BERNAL RICO, D. **Português do Brasil**. O galego tropical. Santiago de Compostela: Através Editora, 2020. 124 p.

CORBACHO QUINTELA, A. **A Aculturação e os Galegos do Brasil**: O Vazio Galeguista. Santiago de Compostela. 2009. 938 f. Tese (Doutorado em Filologia Galega) – Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

COSTA, P. **Castro Laboreiro - Portelinha - Memórias com Lobos...** YouTube, 13 set. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK3dt2lxcU8>. Acesso em: 2 mai. 2025.

CUNHA VIEIRA, A. As construções de foco no galego é o que eu estou tentando entender. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 71-96, 2017.

DOPAZO ENTENZA, J. M. **A lingua da Illa de Ons**. Análise da variación e do cambio lingüístico. 2022. 641 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Santiago de Compostela, 2022.

DUARTE COLLAZO, S. O estándar galego: reintegracionismo vs. autonomismo. **Romanica Olomucensia**, Olomouc, v. 26.1, p. 1–13, 2014.

FALEIROS, N.; NEIVA, A. A influência galega na construção da identidade cultural brasileira: um olhar a partir da festa da Folia de Reis. **Building the way – Revista do Curso de Letras da UEG**, Anápolis, v. 13, nº 1, p. 252–271, 2023.

FERNÁNDEZ REI, F. (dir.). **Arquivo do Galego Oral**. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega, 2010. Disponível em: <http://ilg.usc.es/ago/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

FARACO, C. **História sociopolítica da lingua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2016. 400 p.

FERNÁNDEZ REI, F. **Dialectoloxía da lingua galega**. Vigo: Xerais, 1990. 273 p.

GALINDO, C. **Latim em pó**. Um passeio pela formação do nosso português. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 227 p.

GASPAR JORGE, T. Imigração e imaginação: o Brasil na obra de Neira Vilas. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 71, nº Especial, p. 352–366, 2021.

GIL CONDÉ, V. Convergência do léxico por contato entre o português brasileiro e o galego modernos. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 97–107, 2017.

GUERRA, W. Galegos no Brasil, a comunidade silenciada. **IGADI**, [s. l.], 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.igadi.gal/pt-pt/analise/galegos-no-brasil-a-comunidade-silenciada/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

IBGE = INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil**. Uma primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/rural_urbano/#/home. Acesso em: 29 jul. 2025. 78 p.

IBGE = INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/index.html>. Acesso em: 29 jul. 2025.

IBGE = INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade: 2010–2060 – Revisão 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b.

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html>. Acesso em: 30 jul. 2025.

IBGE = INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2023. Secção: Educação. Rio de Janeiro: IBGE, 2023c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html>. Acesso em: 11 jul. 2025. 149 p.

KAY, K.; SHIPMAN, C. **The confidence code**. New York: HarperCollins, 2014. 256 p.

LOREGIAN-PENKAL, L.; CARRARO, F.; MORAIS, M. Atitudes linguísticas de brasileiros sobre variedades da língua espanhola. **Revista de Letras Norte@mentos**, Cáceres (Mato Grosso), v. 17, nº 50, p. 138-156, 2024.

MENDES, C.; MEDEIROS, N.; OLIVEIRA, T. O galego e os dialetos transmontano e alto-minhoto: fonética semelhante, unidades linguísticas distintas. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Belford Roxo, v. 8, nº 2, p. 1-15, 2017.

MONTEAGUDO, H.; LAGARES, X. Norma e autoridade linguística no galego e no português brasileiro. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 12-27, 2017.

NEVES, M. O galego (in)visível. Inquérito sobre a visibilidade da Galiza e do galego em Portugal. In: PAZOS-JUSTO, C.; BOTANA VILAR, M.; ANDRÉ, G. (eds.): **Galiza e(m) Nós**. Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português, 2021, p. 191-212.

NON ao peche da UPO. **Monti Castiñeiras (actor)**. Facebook, 20 mai. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/upoourense/videos/312125743857038>. Acesso em: 2 mai. 2025.

OLIVEIRA, E. Entre Douro e Minho e Minas Gerais no século XVIII. Relações artísticas. In: **Labirintos e nós**: Imagem ibérica em terras de América. São Paulo: UNESP, 1999, p. 147-179.

OLIVEIRA, E.; LÓPEZ BEDOYA, J. **Pedreiros galegos no Minho**. Roteiro. Santiago de Compostela: Cátedra UNESCO 226 sobre Migracións (USC), 2025. 71 p.

OLIVEIRA, Q. Análise construcional das perífrases cursivas de gerúndio: um estudo comparativo do galego e do português. **Estudos de Linguística Galega**, Santiago de Compostela, v. 13, p. 173-201, 2021.

PAIM, M. O léxico na Bahia e a variação no tempo. **Macabéa – Revista Eletrônica do NETLLI**, Crato, v. 8, n. 2, p. 338-351, 2019.

Passageiro sem Noção. **Eu também entendi Maio** [Reel]. Instagram, 21 mar. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/passageirosemnocao/reel/DHeF4ZOuNXc/>. Acesso em: 2 mai. 2025.

Poder360. **Lula tem dificuldade para entender pergunta de jornalista em Portugal**. YouTube, 24 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8YVXyg7j6vY>. Acesso em: 2 mai. 2025.

RAMOS, D. Do Minho a Minas. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 44, n° 1, p. 131-153, 2008.

REGUEIRA, X. Estándar oral. In: ÁLVAREZ, R.; MONTEAGUDO, H. (eds.): **Norma lingüística e variación**. Santiago de Compostela: CCG / ILG, 2005. p. 69-95.

REGUEIRA, X. Estándar oral e modelos de lingua. **A letra miúda. Revista de Sociolingüística para o Ensino**, Santiago de Compostela, v. 2, p. 1-23, 2013.

RODRÍGUEZ, F. **Unha etapa estelar e conflitiva de Galiza (a segunda metade do século XIV)**, vol. 1. Santiago de Compostela: Asociación Socio-Pedagóxica Galega, 2022. 539 p.

ROSA, L. *et al.* A presença italiana em Minas Gerais a partir do século XIX. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, São Gotardo, n° 14, p. 114-130, 2016.

SARMIENTO, É. **Galegos no Rio de Janeiro (1850-1970)**. Santiago de Compostela. 2006. 504 f. Tese (Doutorado em História Contemporânea e de América) – Universidade de Santiago de Compostela, 2006.

SARMIENTO, É. Rumbo aos trópicos: a emigración galega a Brasil. In: CAGIAO VILA, P. (Coord.): **A emigración galega a América do Sur**. A Coruña: Hércules, 2013. p. 199-236.

SOUTELO VÁZQUEZ, R. A emigración galega ao Brasil: modalidades e destinos durante o século XX, In: DE SOUSA, F. *et alii*: **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPES, 2014. p. 534-559.

SOUZA, M. Considerações sobre os conceitos de língua e variedade: uma discussão com base no galego. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 3, nº 2, p. 46-57, 2017.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXème siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, 22, 1998, Bruxelles. **Actes...** Tübingen: Niemeyer, 2000, p. 367-388.

VIDAL FONSECA, G. Toponímia galega e brasileira. Similitudes e diferenças históricas à luz do conflito linguístico. **LaborHistórico**, vol. 5, nº 1, p. 184- 208, 2019.

VIDAL FONSECA, G.; IRIARTE SANROMÁN, Á.; PAZOS-JUSTO, C. Campo léxico-semântico de galego nos dicionários de português europeu. Contributos para a análise da imagem da Galiza em Portugal. **Diacrítica**, vol. 37, nº 1, p. 220-245, 2023.